

# LUDMILA ULITSKAYA



## FUNERAL DIVERTIDO



cavalo de ferro

# 1

Um calor terrível, o ar cem por cento saturado de humidade. Era como se toda a gigantesca cidade, com os seus prédios sobrenaturais, os parques maravilhosos, as pessoas e os cães multicores, tivesse chegado ao ponto de mudar de estado e, dentro em pouco, os corpos meio liquefeitos comesçassem a flutuar no ar cálido.

O chuveiro estava sempre ocupado: ia-se lá por turnos. Há muito que andavam sem roupa, só Valentina conservava o sutiã porque, se deixasse em liberdade o seu peito grande, com o calor assava-se-lhes a pele nos refegos da base, como aos bebés. Ora, em tempo normal, nunca ela punha sutiã. Os corpos estavam sempre húmidos, a água não se evaporava, as toalhas não secavam, e o cabelo apenas enxugava com o secador.

Com as gelosias semiabertas, a luz caía em madeixas listradas. O ar condicionado não funcionava havia vários anos.

Estavam cinco mulheres no quarto. Valentina, de sutiã vermelho. Ninka, com o cabelo comprido e uma cruz dourada ao peito, tão magra que Álik lhe disse:

— Ninka, pareces o cesto das cobras.

O dito estava num canto, lembrança de um impulso de juventude de Álik, que tinha ido à Índia em busca da sabedoria antiga mas não trouxera nada além daquele cesto.

Estava ainda no quarto a vizinha Gloyka, uma italiana tola que se apegara à casa, escolhendo aquele lugar estranho para aprender a língua russa. Passava a vida a sentir-se ofendida com alguém mas, como ninguém prestava atenção aos seus ressentimentos intrincados, era obrigada a perdoar, magnânima, a toda a gente.

E também Irina Pirson, antiga acrobata de circo e, actualmente, advogada muito bem paga, esplendorosa com o seu púbis artisticamente rapado e os seios novinhos em folha que os cirurgiões americanos — que não conhecem hesitações — modelaram dando-lhes uma forma em nada pior do que a antiga; a sua filha Maika, com a alcunha de *T-shirt*<sup>1</sup>, de quinze anos, formas roliças e indefinidas, com óculos e roupa (era a única vestida), estava de cócoras a um canto. Vestia bermudas grossas e a respectiva t-shirt, estampada com uma lâmpada eléctrica e uma inscrição luminescente numa língua desconhecida. Era obra de Álik, que lha oferecera no seu aniversário do ano anterior, numa altura em que ainda conseguia mais ou menos mexer as mãos.

No quarto estava deitado, no amplo sofá-cama, o próprio Álik, tão pequeno e jovem como se fosse o seu próprio filho. Aliás, ele e Ninka não tinham filhos. E decerto já não viriam a tê-los porque Álik estava a morrer. Uma espécie de paralisia, lenta, ia devorando o que lhe restava dos músculos. As suas pernas e os seus braços jaziam quedos e inanimados, e, mesmo ao toque, não estavam vivos nem mortos mas suspeitosamente num estado intermédio, como o gesso a solidificar. O mais vivo nele era o cabelo, ruivo, festivo, espetado como uma escova basta, e também o bigode denso que lhe ficava grande demais na cara magra.

Havia já duas semanas que estava em casa, tinha dito aos médicos que não queria morrer no hospital. Devia haver outras

1 O nome da rapariga é Maia; Maika é um diminutivo, homófono da palavra russa que significa «camisola». (*N. dos T.*)

razões que os médicos desconheciam nem tinham nada que conhecer. Embora nesse hospital os médicos usassem de um atendimento despachado como num *fast-food*, sem tempo de olharem para a cara do doente, apenas para a boca, o cu ou o que quer que fosse que lhe doesse, até os médicos, portanto, simpatizavam com Álik.

Ora, na casa deles havia um rodopio permanente. Juntava-se ali gente desde manhã até à noite, e ficava sempre alguém a pernoitar. Para recepções, o espaço era excelente, mas para a vida normal era de todo impossível: um *loft*, um armazém remodelado com uma extremidade separada por uma divisória onde foram equipados um quarto de dormir estreito dotado de uma parte de janela, uma cozinha minúscula e uma casa de banho com chuveiro. E havia ainda um estúdio enorme, iluminado por duas janelas.

A um canto, em cima do tapete, dormiam os convidados retardatários e gente de passagem. Às vezes até mesmo cinco pessoas. A porta de casa, a bem dizer, não existia, entrava-se directamente a partir do monta-cargas, que, antes da chegada de Álik, transportava até lá acima rimas de tabaco, produto que, aliás, continuava fantasmagoricamente presente ainda agora. Havia muito que Álik ocupara a casa, quase vinte anos antes, depois de ter assinado, quase sem o ler, um contrato que acabaria por ser muito vantajoso para ele. E agora continuava a pagar uma pechincha. De resto, não era ele quem pagava a renda, há muito que não tinha dinheiro nem sequer para pagar aquela pechincha.

O elevador deu um estalido. Entrou Fima Gruber, despindo uma camisa azul barata. As mulheres nuas não lhe prestaram atenção, e ele também não ligou nenhuma ao espectáculo. Tinha uma maleta de médico, antiga, que o seu avô trouxera de Khárkov. Fima era um médico de terceira geração, com uma vasta formação e ideias originais, mas as coisas não lhe corriam muito bem, ainda não fizera os exames americanos e

trabalhava provisoriamente, havia já cinco anos, como uma espécie de ajudante técnico de laboratório numa clínica cara. Aparecia lá todos os dias, na esperança de que a sorte lhe sorrisse e ele se tornasse, de algum modo, útil a Álik. Inclinou-se sobre o doente.

— Como estás, amigo?

— Ah-ah, és tu... Trouxeste o horário?

— Qual horário? — surpreendeu-se Fima.

— Do barco... — Álik esboçou um sorriso débil.

*Está nas últimas, pensou Fima. Começa a ficar com a mente confusa.*

E saiu para a cozinha, onde começou a arrancar ruidosamente as cuvetes de gelo coladas ao fundo do congelador.

*Idiotas, são todos uns idiotas. Detesto-os, pensou a rapariga.*

Na escola dera recentemente a mitologia grega e foi a única a adivinhar que Álik não se referia ao South Ferry. Com um semblante raivoso e altivo, foi até à janela, afastou um canto da gelosia e pôs-se a olhar lá para baixo. Ali acontecia sempre alguma coisa.

Álik foi o primeiro adulto com quem a rapariga se dignara conversar. Como muitos jovens americanos, fora consultada sucessivamente por psicólogos, desde a infância, até porque havia razões para isso. Só falava com crianças, abria, contrariada, uma excepção para a mãe, e os outros adultos, pura e simplesmente, para ela não existiam. Os professores recebiam os seus trabalhos escritos, exactos e lacónicos. Davam-lhe a nota máxima e encolhiam os ombros. Os psicólogos e os psicanalistas construíam hipóteses complicadas e bastante fantásticas sobre a natureza do seu bizarro comportamento. Gostavam das crianças que fugiam à regra, eram o ganha-pão deles.

A rapariga conheceu Álik numa vernissage para onde a mãe arrastara a desajeitada filha. Naquela altura tinham acabado

de se mudar da Califórnia para Nova Iorque, e *T-shirt*, que perdera de uma vez todos os seus amigos, aceitou acompanhá-la. A mãe conhecera Álik ainda na sua juventude circense, em Moscovo, mas, estando ambos na América, havia muitos anos que não se viam, tantos que Irina deixou de pensar no que lhe diria se se encontrassem. Quando se viram na vernissage, Álik pegou no botão do casaco dela, com uma águia gorda como uma galinha, arrancou-lho bruscamente, atirou-o ao ar e apanhou-o na mão. Depois abriu-a e olhou de relance para a águia reluzente.

— Pois é, tenho de te dizer uma coisa.

O seu braço direito pendia sem vida ao longo do corpo. Com o braço esquerdo apertou contra si a cabeça de Irina, com o seu cabelo loiro escuro e espesso, impecavelmente penteado em duas tranças, apanhadas nas pontas por uma fita de seda preta bordada com pérolas verdadeiras, e sussurrou-lhe ao ouvido:

— Irina, vou morrer em breve.

*Ai, vais?*, pensou ela. *Pois morre à vontade. Para mim já morreste há muito tempo...* No entanto, Irina sentiu a ponta de uma lâmina estreita e fina no estômago e o movimento vagaroso do metal a enterrar-se, e uma dor lancinante até à coluna. Ao lado estava a filha, que a fitava com os olhos muito abertos.

— Vamos a minha casa — sugeriu Álik.

— Tenho a minha filha comigo. Não sei se ela quer ir. — Irina olhou para *T-shirt*.

Há muito que a rapariga não ia com ela a lado nenhum, e já lhe custara bastante convencê-la a ir à exposição. Mas perguntou-lhe, com a certeza absoluta de uma negativa:

— Queres ir ao estúdio do pintor, que é meu conhecido?

— Deste ruivo? Quero.

E foram. Os quadros eram recentes, mas lembravam muito os trabalhos antigos de Álik. Alguns dias depois voltaram a

visitá-lo, por mero acaso, ficava-lhes a caminho. Nesse dia, Irina fora convocada para uma reunião importante e resolveu deixar *T-shirt* no ateliê por cerca de três horas; e, quando voltou, deparou com uma cena inverosímil: berravam um com o outro como duas aves enfurecidas. Álik abanava a mão esquerda — a direita mirrara e quase não funcionava —, e dobrava os joelhos, saltitando.

— Será que não te passa pela cabeça que o principal é a assimetria? Está tudo na assimetria! A simetria é a morte! A estagnação completa! O curto-circuito!

— Não grites! — berrava *T-shirt*, enrubescida, o que fazia sobressair as suas sardas, e com um sotaque mais forte do que habitualmente. — E se eu gostar? Gosto, e acabou-se. Porque é que vocês querem ter sempre razão, sempre?

Álik baixou a mão.

— Essa agora... francamente...

Irina por pouco não desmaiou ao pé do elevador. Álik, sem querer e sem saber, destruíra num instante aquela estranha forma de autismo de que a rapariga sofria desde os cinco anos. Uma velha chama maldosa acendeu-se-lhe na alma, mas logo se apagou: em vez de arrastar a filha pelos consultórios dos psiquiatras, não seria melhor dar-lhe a possibilidade de comunicação humana que tanta falta lhe fazia...

## 2

O elevador voltou a dar um estalido. Ninka viu a nova visitante no vão da porta e precipitou-se para ela ao mesmo tempo que enfiava o quimono preto.

Uma mulherzinha de pequena estatura, mas corpulência invulgar, instalou-se, bufando, na poltrona baixinha, colocando com cuidado entre os joelhos um saco de compras bojudo. A mulher, carmesim, expelia vapores, as suas bochechas pareciam refulgir como um samovar.

— Mária Ignátievna! Há três dias que estou à sua espera!

A mulher sentou-se na borda da poltrona, abrindo as pernas rosadas, calçava uns pezinhos, uma coisa desconhecida no continente americano.

— Não me esqueci de vocês, Ninka. Continuo a trabalhar no Álik. Ainda ontem, a partir da seis da tarde, estive a passar-lhe energia... — Aproximou de Ninka os seus dedinhos triangulares com distróficas unhas esverdeadas. — Foi uma tensão tão grande, acredita, que até a minha própria pressão arterial disparou, mal posso andar... Ainda por cima com este maldito calor... Toma, trouxe-te o último...

Tirou do saco de pano três garrafas escuras com um líquido espesso.

— Olha, fiz um remédio novo para inalar e outro para friccionar. E este é para os pés. Molhas um paninho e pões na



sola dos pés, e um saco de plástico pequeno por cima, atas, e já está. Duas horas. Se pelar, não faz mal. Depois tiras, lavas, e pronto...

Ninka olhava com veneração para aquele espantalho e as suas mezinhas. Pegou nas garrafas, apertou a mais pequena contra a bochecha – estava fresquinha. Levou-as para o quarto. Correu a gelosia e colocou as garrafas no peitoril estreito. Já lá estava uma fileira delas.

Mária Ignátievna, entretanto, pegou na chaleira. Era a única capaz de tomar chá com aquele calor, e não o chá americano, gelado, mas à russa, quente, com açúcar e doce.

Enquanto Ninka, sacudindo o cabelo comprido de onde parecia ter-se soltado um tom dourado e revelado o prateado da raiz, envolvia os pés de Álik nos emplastros e lhe cobria o corpo com um lençol fino e leve com um falso padrão escocês que não pertencia a clã nenhum, Mária Ignátievna conversava com Fima. Este quis saber que resultados ela vinha conseguindo. Ela olhava para ele com um desdém magnânimo.

– Efim Issákitch! Francamente, Fima! Que resultados, se já cheira a campa?... Mas está tudo nas mãos de Deus, é isso que eu lhe digo. Já vi muito na vida, coisas incríveis. A pessoa já está nas últimas, mas não, Ele não o deixa ir. A erva tem uma força muito grande! Fura a própria pedra. O cume da planta... Ora bem, pego nele, aproveito a ponta da raiz. Há quem já esteja completamente inclinado em direcção à cova, mas não, olha que ainda se levanta. É preciso ter muita fé em Deus, Fima. Sem Deus nem a erva cresce!

– Exactamente – anuiu Fima com facilidade e esfregou a face esquerda ainda com as marcas afuniladas das batalhas hormonais da juventude.

Desde o quinto ano da escola que Fima estava ao corrente da fototaxia positiva das plantas, sobre a qual discorria vaga e misteriosamente a gorda da cara flácida, como que feita de trapos; mas como, para todos os efeitos, era de algum modo especialista

em medicina, Fima também sabia que a maldita doença de Álik não ia desaparecer: o último músculo que ainda funcionava, o diafragma, já estava a enfraquecer e, nos dias mais próximos, dar-se-ia a morte por asfixia. O problema dos americanos que ocorria nesses casos — quando desligar a máquina — fora previamente resolvido por Álik: saíra do hospital, recusando desse modo o miserável complemento de vida artificial.

Fima angustiava-se então com a ideia de que, no momento da verdade, seria precisamente ele a injectar em Álik o soporífero para eliminar o sofrimento da asfixia e que, com o seu efeito colateral — opressão do centro respiratório —, o mataria... Mas nada mais havia a fazer: internar Álik chamando a ambulância, como já tinham feito duas vezes, seria agora quase impossível. E arranjar de novo um documento falso era complicado e perigoso...

— Boa sorte — disse Fima com meiguice, e, pegando na maleta, saiu sem se despedir.

*Ofendeu-se ou quê?*, pensou Mária Ignátievna. Não percebia grande coisa acerca da vida americana. Chegara da Bielorrússia um ano antes, a convite de uma parente enferma, mas enquanto tratava e não tratava dos papéis, enquanto viajava de lá para cá, já não havia ninguém para curar. Portanto, galgara inutilmente o oceano com a sua força milagrosa e as suas ervas de contrabando. Aliás, a aventura não tinha sido de todo inútil, uma vez que nestas paragens também apareceram admiradores da sua arte, e ela dedicou-se a uma actividade ilegal e não licenciada sem medo de qualquer tipo de sarilhos, embora ficasse espantada: mas o que é isto, o que se passa nesta terra? Se eu curo realmente as pessoas, se as resgato do outro mundo, porque haveria de ter medo?... Ninguém conseguia convencê-la quanto a licenças e impostos. Ninka conheceu-a numa pequena igreja ortodoxa em Manhattan e decidiu de imediato que tinha sido Deus quem lhe mandara aquela curandeira para Álik. Nos últimos anos, ainda antes de

Álik ter adoecido, Ninka convertera-se ao cristianismo ortodoxo, assestando assim um golpe poderoso no obscurantismo: passou a considerar pecaminoso o seu passatempo preferido, o tarô, e ofereceu o respectivo baralho a Gioyka.

Mária Ignátievna chamou Ninka fazendo um gesto com o dedo. Ninka precipitou-se para a cozinha, deitou sumo de laranja no copo, acrescentou-lhe vodca e uma mão-cheia de pedrinhas de gelo. Há muito que bebia assim, à moda local: coisas fracas e adocicadas, mas sem parar. Mexeu tudo com um pauzinho e deu um gole. Mária Ignátievna também mexeu a sua chávena de chá com a colherzinha, pondo-a depois em cima da mesa.

— Ouve o que eu te digo, mulher — proferiu severamente. — É preciso baptizá-lo. Ponto final. Senão não há ajuda que lhe valha.

— Ele não quer, não quer e não quer, já tantas vezes lhe disse, Mária Ignátievna! — explodiu Ninka.

— Não grites — Mária Ignátievna franziu o rosto sem sobranceiras —, eu tenho de me ir embora. Aquele meu papel há muito que acabou. — Referia-se ao visto, caducado havia muito, mas ela era incapaz de decorar qualquer palavra estrangeira. — Acabou-se o papel, vou-me embora. Já me marcaram a data no bilhete. Se não o baptizares, deixo de tratar dele. Mas se o baptizares, continuo a trabalhar nele, nem que seja de lá... Sem o baptismo, não posso... — E abriu os braços de forma teatral.

— Não posso fazer nada. Não quer. Ri-se. O teu Deus tem de me aceitar sem militância no partido, diz ele. — E Ninka baixou a sua pequena e frágil cabecinha.

Mária Ignátievna esbugalhou os olhos:

— Ninka, o que estás para aí a dizer? Vocês que vivem aqui como na selva. Para que precisa Deus nosso Senhor dos militantes do partido?

Ninka abanou a mão e bebeu o resto da sua beberagem. Mária Ignátievna serviu-se de mais chá.

— Tenho pena é de ti, filha. Deus tem muitos hospícios. Vi muita gente boa na minha vida, judeus também, e outros. Dá para todos. O meu Konstantin, que morreu na guerra, era baptizado e espera-me no sítio certo. Não sou nenhuma santa, é claro, eu e ele vivemos juntos apenas dois anos, fiquei viúva aos vinte e um. Pecados não faltaram, não nego, sou uma pecadora. Mas não tive outro marido. E ele está à minha espera lá em cima. Estás a ver o que me preocupa? Senão vão ficar separados lá em cima. Baptiza-o, nem que seja às escuras... — tentava Mária Ignátievna convencê-la.

— Como é isso... às escuras? — Ninka não percebeu.

— Vamos para ali, vamo-nos afastar desses aí... — chiou intencionalmente Mária Ignátievna, embora toda a gente estivesse amontoada à volta de Álik e não houvesse ninguém na cozinha, e empurrou Ninka para a casa de banho. Sentou-se na tampa cor-de-rosa da sanita, e Ninka na caixa de plástico da roupa suja. E foi nesse lugar inconveniente para tal tema que Ninka recebeu todas as instruções necessárias...

Pouco depois chegou Faika, sólida como um quebra-nozes, com cara impassível e cabelo rijo e esbranquiçado como palha. Era das mais recentes, mas adaptara-se rapidamente.

— Comprei a máquina fotográfica — anunciou logo à entrada, irrompendo no quarto e abanando por cima da cabeça de Álik uma caixinha nova. — *Polaroid!* Com *slides!* Vamos tirar umas fotos.

Havia no país muitas coisas que Faika ainda não experimentara, e estava com pressa de comprar, de experimentar, de avaliar tudo e de ter uma opinião sobre cada assunto.

Valentina abanava lenços por cima de Álik, embora fosse ele o único sem calor. Afastou o lençol e sentou-se por trás dele, apoiando-se na cabeceira da cama. Puxou Álik para si e encostou a cabeça ruiva escura do doente no seu plexo solar, o lugar onde morava a «alminha», como dizia a sua falecida

avó. E de repente jorraram-lhes as lágrimas dos olhos, tanta pena sentia do Álik, da sua cabeça inerte debaixo do seu peito. Como um bebé que ainda não segura a cabecinha. Durante o seu longo namoro, nunca ela experimentara um desejo tão vivo e penetrante como agora de o ter nos seus braços, no seu colo, e, mais, de o esconder nas profundezas do seu corpo, de o proteger da maldita morte que já tocara, à vista de todos, os seus braços e as suas pernas.

— Raparigas, juntem-se aqui, são horas! — gritou com os lábios sorridentes, limpando com a mão o suor da testa e as lágrimas das faces. Lançou para cima dos ombros de Álik os seus famosos seios dentro do embrulho vermelho; Gloyka sentou-se de lado na cama, dobrou uma perna de Álik e encostou o seu ombro ao joelho dele. Do outro lado, com vista a uma simetria fotográfica, sentou-se *T-shirt*.

Faika atarefava-se com a máquina, nunca mais encontrava o visor e, quando finalmente espreitou por ele, soltou uma risada.

— Oh, Álik, os tomates estão em primeiro plano! Cubram-nos.

Em boa verdade, em primeiro plano tinham ficado os tubinhos do saco colector de urina.

— Era o que faltava, tapar esta beleza — objectou Valentina, e Álik mexeu o canto da boca.

— Uma beleza sem proveito nenhum — observou.

— Faika, espera — pediu Valentina, e, enfiando atrás das costas de Álik duas grandes almofadas russas, parte do enxoval de Ninka, filha de um general, passou por cima do lençol até aos pés da cama, descolou do terno órgão o penso rosado que segurava toda a ferramenta. — Que isto descanse um bocadinho, que passeie em liberdade...

Álik gostava de todo o género de chalaças, as de segunda categoria também o faziam sorrir. Valentina, com a sua mão experiente, fazia tudo muito depressa. Há mulheres cujas mãos

já sabem tudo, não é preciso ensiná-las — são enfermeiras natas.

*T-shirt* não aguentou e saiu do quarto. Embora já tivesse experimentado tudo no ano anterior — primeiro com Jeffrey Leszynski, depois com Tom Caine — e tivesse chegado à conclusão de que não precisava do maldito sexo para nada, aquelas manipulações com o cateter afligiram-na. Como ela pegou no... Por que diabo estão sempre em cima dele, todas elas...

O chuveiro estava livre. Tirou os calções. Através deles, apalpou a caixinha rectangular. Enrolou tudo com cuidado para que não caísse. Sabia de cor as instruções. Passara a última noite ao lado de Álik. Não toda, mas várias horas. Ninka não aguentara, adormecera no estúdio. Álik não dormia. Ele pedira, e *T-shirt* fizera tudo o que ele queria, e aquela caixinha, agora, era a prova de que ela, *T-shirt*, se tornara a pessoa mais importante para Álik.

A água não estava fria, os canos, com o calor, aqueciam-na muito. Todas as toalhas estavam molhadas. Limpou o corpo, na medida do possível, enfiou a roupa no corpo húmido e esgueirou-se de casa sorrateiramente: não lhe apetecia ficar na fotografia com eles, isso era claro e indiscutível.

Saiu para a marginal junto ao Hudson, depois virou para o cais, sem deixar de pensar no único adulto normal que, nem de propósito e como que por maldade, ia morrer, deixando-a de novo sozinha no meio daqueles idiotas — russos, judeus, americanos — que a rodeavam desde que nascera...

No Verão abrasador de 1991, o último da era soviética, um grupo caricato reúne-se no apartamento do pintor Álik, em Nova Iorque, para o acompanhar nos seus últimos dias de vida. Às mulheres mais importantes da sua vida: Irina, o primeiro grande amor; *T-shirt*, a filha adolescente de ambos; Nina, a actual mulher; e Valentina, a amante, juntam-se amigos de longa data e emigrados russos recém-chegados que usam a sua casa como ponto de encontro da comunidade russa exilada. Enquanto Álik aguarda a sua hora, e um padre e um rabino se sucedem à cabeceira do moribundo em disputa pela salvação da sua alma, recordam-se histórias e aventuras, acendem-se discussões e rivalidades, e acompanha-se em directo pela televisão as últimas notícias da pátria, que dão conta da queda iminente do regime.

Divertida sátira sobre a morte, o exílio e a complexidade das relações humanas, *Funeral Divertido* é um dos livros mais renomados de Ludmila Ulitskaya, comparada pela crítica internacional aos grandes nomes da literatura russa.

«Um romance divertidíssimo, extravagante e terno cujos temas — amor, perda e identidade — superam as fronteiras da língua e da geografia.»

*The New York Times*

«Pelo poderoso fôlego narrativo com que regista as emoções mais subtis da alma humana, pela sensibilidade com que relata a epopeia de pessoas lançadas no labirinto do mundo, [...] pela soberba natureza das suas personagens.»

**Júri do Prémio Formentor de Literatura 2022**



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

[cavalodeferro](#)

[penguinlivros](#)

ISBN: 978-989-583-643-7



9 789895 836437